

**O MAIOR DOS TEMAS**

**C**aro professor, neste número da revista *Atitude* teremos a difícil missão de estudar a doutrina de Deus. Trata-se de um tema difícil porque a própria Escritura já revelou que os seus pensamentos não são os nossos pensamentos. Difícil porque é o processo da criatura pensar sobre o criador.

Haverá momentos em que as perguntas dos alunos parecerão difíceis demais. Não se preocupe. Não é você que sabe pouco para estar ensinando este tema. Ninguém sabe o bastante para fazê-lo. Por isso, mais do que leituras e comentários, este tema exigirá de você um coração aquecido pelo alvo dos estudos: a pessoa de Deus. Cultive sua devoção, procure-o constantemente em oração e, certamente, seu Espírito o ajudará nos instantes de dificuldade em sala de aula.

De qualquer forma, é um privilégio maravilhoso nos reunir durante 13 estudos para pensar apenas sobre a pessoa de Deus, sua natureza, sua obra, seus propósitos. É para isto que nascemos. É isto que continuamente faremos um dia na eternidade. Por isso, leve seus alunos a perceberem a relevância e a grandeza do tema que agora começa.

Boas aulas.

# Atitude

REVISTA DO JOVEM CRISTÃO

ISSN 1984-8382

Literatura Batista  
Ano CXV – Nº 459

**Atitude professor** é uma revista de orientações didáticas para professores de jovens na Escola Bíblica Dominical seguindo a matriz curricular da edição do aluno

Copyright © Convicção Editora  
Todos os direitos reservados

Proibida a reprodução deste texto total ou parcial por quaisquer meios (mecânicos, eletrônicos, fotográficos, gravação, estocagem em banco de dados etc.), a não ser em breves citações, com explícita informação da fonte

Publicado com autorização  
por Convicção Editora  
CNPJ (MF): 08.714.454/0001-36

## Endereços

Caixa Postal, 13333 – CEP: 20270-972  
Rio de Janeiro, RJ  
Telegráfico – BATISTAS

## Editor

Sócrates Oliveira de Souza

## Coordenação Editorial

Solange Cardoso de Abreu d'Almeida (RP/16897)

## Redação

Valtair Afonso Miranda

## Produção Editorial

Oliverartelucas

## Produção e Distribuição

Convicção Editora

Tel.: (21) 2157-5567

Rua José Higino, 416 – Prédio 16 – Sala 2

1º Andar – Tijuca – Rio de Janeiro, RJ

CEP 20510-412

convicca@conviccaeditora.com.br

## //SUMÁRIO

Para começar .....	1
Pauta musical.....	3
Recursos bíblico-teológicos .....	4
Lição 1 – Deus é único e eterno .....	10
Lição 2 – Deus é criador.....	13
Lição 3 – Deus é onipotente .....	16
Lição 4 – Deus é onisciente.....	19
Lição 5 – Deus é onipresente.....	22
Lição 6 – Deus é santo .....	25
Lição 7 – Deus é amor.....	28
Lição 8 – Deus é salvador.....	31
Lição 9 – Deus é perdoador .....	34
Lição 10 – Deus é paciente.....	37
Lição 11 – Deus é justo.....	40
Lição 12 – Deus é consolador.....	43
Lição 13 – Deus é vida eterna.....	46

# AO DEUS DE ABRAÃO LOUVAI

1. Ao Deus de A-braão lou-vai, do vas - to céu Se-nhor, e -  
 2. Ao Deus de A-braão lou-vai. E, por man - da - do seu, mi -  
 3. Meu gui - a Deus se - rá. Seu in - fi - ní - to a - mor fe -  
 4. Meu Deus por si ju - rou; eu ne - le con - fi - ei e

ter - no e po - de - ro - so Pai e Deus de a - mor. I -  
 nhaal - ma dei - xa ter - rae vai mo - rar no céu. O  
 liz em tu - do me fa - rá por on - de eu for. To -  
 pa - ra o céu que pre - pa - rou eu su - bí - rei. Seu

men - só e seu po - der, que ter - rae céu cri - ou. Lou -  
 mun - do des - pre - zei, seu lu - cro e seu lou - vor, e  
 mou - me pe - la mão, em tre - vas deu - me luz. E  
 ros - toi - rei eu ver, fir - ma - do em seu a - mor, ceu

vor mi - nhaal - ma vai ren - der ao gran - de Eu Sou.  
 Deus por meu Se - nhor to - mei e pro - te - tor.  
 te - nha e - ter - na sal - va - ção por meu Je - sus.  
 hei de sempre en - gran - de - cer meu Re - den - tor.

HCC, nº 14

LETRA: Atribuída a Daniel ben Judah Dayyam, c. 1400

Port. Robert Hawkey Moreton, através do inglês, 1896

MÚSICA: Melodia tradicional hebraica

LEONI  
6.6.8.4.D.

# DEUS, O PAI

**VALTAR A. MIRANDA**  
RIO DE JANEIRO, RJ

No capítulo 4 de Apocalipse, apesar de João ter subido ao céu com o anúncio do anjo de que lhe mostraria coisas que deveriam acontecer, o que ele vê ao adentrar o santuário celestial é o trono de Deus e em torno dele um grande ato litúrgico. No início, o Apocalipse se detém a descrever, num ritmo muito lento, as cenas e os atores desse culto celestial. E como tema final deste capítulo, uma teologia da criação.

Em torno do trono celestial (ou mesmo do templo celestial), João descreve elementos típicos de uma teofania da Escritura judaica (Is 6.1-4). Como na visão de Isaías, o trono de Deus é o elemento central. Tudo gira em torno dele. Ao redor do trono estão 24 tronos, nos quais se assentam 24 anciãos vestidos com roupas brancas, tendo coroas de ouro na cabeça. Ao redor do trono, quatro criaturas denominadas de Quatro Viventes, onde João combina os seres que sustentam o trono-carruagem de Deus de Ezequiel 1.5 com as figuras de Isaías 6.2. Independentemente da identificação de cada um desses perso-

nagens celestiais, o essencial é que todos estão envolvidos em atos litúrgicos. Eles adoram o ancião que se assenta sobre o trono. Os Quatro Viventes, especificamente, têm como missão, sem descanso, dia e noite, expressar adoração (Ap 4.8).

Dos Quatro Viventes, João ouve: “Santo, Santo, Santo, Senhor Deus Todo-poderoso, o que era, o que está sendo, e o que há de vir”.

O hino começa com uma expressão tríplice, originada em Isaías 6.3: “E clamavam uns para os outros, dizendo: Santo, santo, santo é o Senhor dos Exércitos; toda a terra está cheia da sua glória”. No texto de Isaías, ela é uma canção entoada por serafins, figuras parecidas com serpentes aladas. Esta passagem foi largamente usada em textos apocalípticos para compor as cenas do santuário celestial (1En 30.12; 2En 21.1; Ap 16). Os grupos judaicos do segundo templo, frequentemente, viam no tríplice “santo” a expressão perfeita do culto dos anjos, deduzindo daí um modelo para o culto na terra.

É interessante comparar a versão de Isaías, com a LXX e o Apocalipse e, assim, verificar a forma como o visionário adaptou o hino de Isaías. A LXX, que normalmente traduz Tsabaot por Pantocrator, desta vez simplesmente transliterou o termo. João, entretanto, de forma consistente, continuou usando Pantocrator no lugar de Tsabaot. De qualquer forma, ambas as expressões denotam um ser soberano sobre todos os outros deuses e senhores da terra. Ele é o Senhor dos Exércitos, o Todo-poderoso, o Senhor da terra toda, descrição que leva Fiorenza a definir o conjunto da canção como de natureza política. São expressões que querem responder a questão quem é o verdadeiro senhor da terra.

No momento em que os Quatro Videntes cantam o “tríplice santo”, os 24 anciãos se prostram diante do que se assenta no trono, depositando aos seus pés suas coroas de ouro. Desta vez, são eles que adoram: “Digno és Senhor e Deus nosso, de receber a glória, e a honra, e o poder, porque tu criaste todas as coisas e através da tua vontade passaram a existir e foram criadas” (Ap 4.11).

A forma literária é de aclamação, mas configurada em expressão hínica no texto do visionário. A estrutura do hino consiste no adjetivo “digno”, seguido do verbo ser (na terceira pessoa do singular), mais uma série de atributos.

Este é um hino de dignidade. A divindade é adorada porque é digna. E é digna em função da sua obra de criação.

Este hino também levanta a questão de quem é digno de ser adorado. Possivelmente, é uma peça litúrgica que surge em meio à disputa por adoração. Com um hino deste tipo, o Apocalipse tenta apontar quem é digno de adoração e, consequentemente, quem não o é.

Estes hinos atuam na identidade da audiência por via indireta. Ao ouvi-los, a audiência acompanha os seres celestiais declarando o senhorio exclusivo de Deus sobre o mundo. Se Deus é o verdadeiro Senhor da terra, o que se assenta em Roma não o é. Mas este conhecimento do senhorio de Deus sobre o universo é um conhecimento profundo que somente quem acessa as regiões celestiais conhece. Ao afirmar que somente Deus é digno de receber adoração, honra, poder, ele está afirmando a singularidade da figura divina diante das pretensões imperiais romanas. E ao afirmar a singularidade de Deus, o hino também reforça a singularidade dos seus adoradores. Outro elemento significativo de Apocalipse 4 está na pergunta: por que adorar a Deus? A resposta aparece em todo o capítulo. Ele é adorado em função, principalmente, de seus atos criadores. Deus criou o mundo, e isso o torna digno de ser adorado por todos os seres vivos.

Alguns teólogos incluem os decretos de Deus como a primeira obra de Deus. Eles pensam que o Salmo 139.16 e Efésios 1.4, entre outros textos bíblicos, ensinam que Deus tem um plano ou propósito para o mundo e que, na eternidade, ele decretou tudo o que iria acontecer. Apesar disso, estas passagens não iluminam muito o conceito. É possível dizer que Deus tem um plano, mas afirmar que a obra inicial de Deus, na eternidade, foi a criação dos decretos eternos, não pode ser afirmada apenas por estas passagens. Em termos de obras divinas, a primeira precisa ser mesmo a criação.

Ao descrever Deus como criador, este assunto já foi apresentado, mas agora é o momento de apresentar algumas passagens bíblicas para iluminar o tema da criação e apontar algumas implicações teológicas.

Segundo Gênesis 1.2, Deus criou o universo todo; os seres humanos representam uma parte especial de sua criação, pois foram criados à sua imagem, recebendo de Deus responsabilidades diante do restante da obra criada. Depois de criar, Deus declarou que tudo o que criou era bom. Não havia mancha na criação divina.

Entretanto, o capítulo 3 de Gênesis apresenta a doutrina da queda. Por meio da queda do ser humano, toda a criação foi afetada. Assim, as coisas não funcionam

mais como deveriam funcionar. Se a criação durante a história demonstra alguma falha, esta se originou na queda. Talvez essa doutrina possa dar alguma explicação para as secas, inundações, terremotos, bactérias e vírus mortais para os seres humanos. De qualquer forma, mesmo após a queda, a criação ainda revela o poder, a sabedoria e a glória do seu Criador.

Segundo Colossenses 1.15,16, a criação incluiu os seres espirituais, anjos e demônios. Não há qualquer ser que tem existência que não tenha origem em Deus. A criação de Deus era totalmente boa, mas alguns dos anjos rebelaram-se contra a Deus, tornando-se demônios. Não há na Bíblia muita informação sobre a origem de Satanás e os demônios. Segundo Apocalipse 12, o Diabo e seus anjos caíram em função do ministério de Jesus, apesar de encontrar já a atuação demoníaca desde o Éden, como a descrição do Apocalipse o descreve: antiga serpente do Éden.

Há uma passagem que parece descrever claramente a condenação do Diabo por causa da soberba (1 Tm 3.6), e dois textos que falam de anjos que pecaram e foram lançados aprisionados para aguardar o dia do juízo (2Pe 2.4; Jd 6). Isaías 14 e Ezequiel 28 são textos mencionados eventualmente por alguns teólogos para descrever a queda de Satanás, mas no seu contexto exegético, estas passagens

bíblicas parecem descrever reis humanos. Isso significa que a Bíblia pressupõe a queda dos anjos e o aparecimento dos seres demoníacos, mas não dá maiores informações sobre o assunto.

Um último aspecto da criação de Deus pode ser apontado também no Apocalipse, no capítulo 21, ao descrever uma nova criação – a nova Jerusalém. À luz da escatologia bíblica, Deus promoverá, no final dos tempos, uma renovação de sua criação na direção de um novo universo.

Como já indicamos anteriormente, a Bíblia não apoia o deísmo e sua perspectiva de que Deus criou e se afastou de sua criação. Pelo contrário, todo o relato bíblico argumenta em prol da interação entre Deus e sua criação. Neste sentido, ele não apenas criou, mas a preserva. A preservação, assim, pode ser considerada também parte de seus atos de criador. Usam-se as palavras preservação ou sustentação para indicar também que a obra de Deus não cessou com a criação; ele continua a sustentar e apoiar todas as coisas hoje. Toda existência depende dessa obra de Deus.

Neste campo, inclui-se também o conceito de providência, que é o exercício contínuo da energia pelo qual o criador opera em tudo o que acontece no mundo, e dirige todas as coisas até o seu fim designado. Esta obra de Deus é um grande conforto para os seres humanos,

pois por meio dela é possível negar o azar ou a sorte, já que a vida é guiada pela sabedoria de Deus.

À luz dos textos bíblicos, Deus cuida não só das coisas grandes, como a ordem do universo, mas, também, das menores coisas (Sl 135.57). Ele governa a história humana (Dn 2.21; 4.35). Ele usa todas as coisas, boas e más, para cumprir seus propósitos (At 2.23; Rm 8.28). Mas seu propósito não é felicidade humana, mas a promoção de sua santidade, para que seus filhos se conformem à imagem de Cristo (Rm 8.29). Por isso, durante a caminhada humana há o enfrentamento de situações difíceis, para aperfeiçoar o caráter, a paciência, a humildade, a persistência, a disposição de perdoar, o sacrifício pessoal.

Esta afirmação da soberania de Deus, entretanto, que ele controla todas as coisas, levanta algumas questões: e o pecado? A Bíblia diz que Deus não causa o pecado (Tg 1.14). Então, como pode controlar todas as coisas? É preciso fazer uma distinção entre as coisas que Deus permite, e as coisas que ele faz ou deseja. Alguns estudiosos do tema usam as palavras vontade diretiva e vontade permissiva. Segundo Efésios 1.11, Deus “faz todas as coisas segundo o conselho da sua vontade”. Então, todas as coisas acontecem dentro da sua vontade. Mas Mateus 6.10 pede que os seguidores de Cristo façam a seguinte oração: “seja

feita a sua vontade”, o que implica que nem sempre a vontade de Deus é feita. Deus é soberano e pode usar todas as coisas, mesmo o pecado para promover sua vontade, mas ele não aprova ou autoriza tudo o que acontece. Ele não é o autor do pecado. O conceito de providência demanda a contrapartida na liberdade do ser humano para praticar o pecado e fazer o mal. Deus permite aos homens a liberdade para pecar, mas dirige os efeitos do pecado para realizar o bem.

## DEUS, O PAI

No Antigo Testamento:

- 1) Deus chama Israel de “meu filho” (Ex 4.22; Os 11.1);
  - 2) Deus é como um Pai daquele que o teme (Sl 103.13);
  - 3) Deus é chamado “nosso Pai” três vezes (Is 63.16; 64.8);
  - 4) Deus se refere a si mesmo como o Pai para Israel duas vezes (Jr 3.19; 31.9).
- Isso significa que a paternidade de Deus é realmente uma ideia secundária no Antigo Testamento. Estes versículos ensinam que Deus é o Pai de Israel, mas não temos nenhum versículo no Antigo Testamento que ensina que Deus é o Pai de todas as pessoas. Todos são criaturas de Deus, mas nem todos são seus filhos.

Por que o Antigo Testamento é relutante em descrever Deus como um Pai? Por que a ênfase judaica está na santidade de Deus. A primeira coisa que os homens precisam aprender é que Deus é um Deus santo e que os seres humanos são pecadores que não são dignos de serem chamados filhos de Deus. Filiação não é um direito humano; é um dom da graça.

Os judeus aprenderam esta lição. Até a época de Jesus, ninguém ousava chamar Deus de “Pai.” Joachim Jeremias estudou a cultura e literatura judaica da época de Jesus por quase toda sua vida e concluiu que é impossível achar a palavra “pai” usada para Deus nas orações dos judeus até Jesus. A ênfase dada à paternidade de Deus é uma das maiores diferenças entre o Antigo Testamento e o Novo Testamento.

Assim, é mesmo no Novo Testamento que a ideia de Deus como Pai surge de forma mais enfática. Deus aparece como Pai 17 vezes no Sermão do Monte (Mt 5.7); mais de 250 vezes no Novo Testamento inteiro; em cada livro do Novo Testamento, exceto 3João. Na oração modelo, Jesus orientou seus discípulos a chamarem Deus de Pai. Pai é realmente o nome cristão para Deus.

De qualquer forma, Deus é principalmente o Pai de Jesus Cristo. Jesus se refere a Deus como “meu Pai” 50 vezes nos Evangelhos. A ideia do Filho e Pai domina o Evangelho de João. Esta ênfase

levanta uma pergunta: em qual sentido Deus é Pai de Jesus? À luz da teologia, Deus o Pai e Deus o Filho são eternos. A filiação não se deu na encarnação, por isso os Pais da Igreja chamaram Jesus de o Filho eterno de Deus.

É possível dizer que a posição de Jesus como filho em relação a Deus o Pai indica um tipo de relacionamento eterno dentro da Trindade, uma distinção entre a primeira pessoa e a segunda pessoa. Então, a diferença entre as pessoas da Trindade não são as funções diferentes de cada pessoa, mas o relacionamento de cada pessoa às outras duas pessoas. O Pai sempre foi o Pai, porque esta é a sua natureza. Dentro da Trindade, ele é o Pai. Jesus é o Filho, porque esta é a sua natureza. Ele sempre teve relacionamento com o Pai. O papel do Espírito Santo não é tão claro. Alguns teólogos enfatizaram a santidade do Espírito e o chamaram de poder santificante na Trindade. Mas como argumentado anteriormente, o Espírito pode ser o vínculo de amor entre o Pai e o Filho.

O ponto central da Bíblia em relação à paternidade de Deus e a filiação de Jesus é o tipo de relacionamento que eles possuem. João 5.16-23 identifica alguns elementos deste relacionamento:

- **Igualdade** (v.18). De fato, Deus é o próprio Pai de Jesus, porque eles são da mesma família, a família da divindade, a família da Trindade. Eles comparti-

lham da mesma natureza. Eles têm papéis diferentes, mas a mesma natureza. São iguais;

- **A autoridade do Pai** (v.19). Alguns autores argumentam que não é possível para duas pessoas serem iguais se uma pessoa tiver autoridade sobre a outra. Mas não é a ideia da Bíblia. Jesus aceita a autoridade do Pai, porque eles têm papéis diferentes e responsabilidades diferentes. Jesus foi uma pessoa submissa ao Pai, mas completamente livre. Uma pessoa que recebeu toda a autoridade que precisou do Pai para exercer sua obra redentora. Ele encontrou a liberdade e autorrealização por meio da aceitação da sua natureza e seu papel como Filho;

- **Amor** (Jo 5.20). Alguns pais são cruéis ou frios, mas não Deus. Ele é o Pai amado e amoroso. Ele é o modelo da paternidade para os pais humanos. Mas o amor dele não exclui as dificuldades na vida dos seus filhos. Jesus acabou na cruz, pela vontade do Pai, porque foi necessário não somente para a obra da redenção, mas para a perfeição de Jesus também (Hb 2.10; 5.8). Às vezes, amor paternal exige que os filhos passem coisas difíceis para desenvolvê-los e fortalecê-los;

- **Comunhão**. O pai honra o filho, e o filho honra o pai. Eles compartilham um propósito comum. Não se pode relacionar com o pai somente.

## LIÇÃO

# 1

### TEXTO BÍBLICO

ÊXODO 15; SALMO 86;  
PROVÉRBIOS 8

### TEXTO ÁUREO

ÊXODO 15.2

#### O PREPARO

#### OBJETIVOS

- Conhecer melhor o Deus do Antigo Testamento.
- Descobrir como o povo de Israel entendia Deus no Antigo Testamento, bem como no Novo Testamento.
- Reconhecer que Cristo é o Verbo encarnado e o EU SOU do Antigo Testamento.

#### RECURSOS DIDÁTICO-PEDAGÓGICOS

- Quadro-negro e giz;

# DEUS É ÚNICO E ETERNO

- Papel, canetas, canetinhas ou lápis de cor (se possível), barbante.

#### METODOLOGIA

- Procurar escrever no quadro-negro em letras de forma e num tamanho de letra razoável para que todos os alunos possam visualizar o que o professor quer transmitir à classe.
- Levar papel ofício comum ou papel A4 que dê para todos na classe participarem. Não esquecer de levar as canetinhas ou lápis de cor (pedir emprestado ao departamento infantil de sua igreja).
- Exposição oral feita pelo professor e divisão em grupos. Ficar o mais próxi-

mo possível da turma para transmitir a aula. A proximidade dos alunos entre si também é importante. Caso eles se sentem um ao lado do outro poderão compartilhar opiniões e ideias.

## A AULA

1. **Oração** – Separar os primeiros minutos da aula para este momento. Procure começar precisamente no horário com algumas orações; podem ser duas ou mais. Antes, porém, é interessante pedir que os jovens façam alguns pedidos pessoais e agradecimentos. Isso, com certeza, favorecerá a aproximação da turma.

2. **Aquecimento** – Preparar previamente este aquecimento. Separar pedaços de barbante de mais ou menos 80 cm no número suficiente de alunos de sua classe, não se esquecer de levar pedaços extras para visitantes.

Entregar um pedaço de barbante para cada aluno com uma folha de papel e canetinha.

Pedir a cada um que levante seu barbante a uma altura razoável (altura do braço) e em seguida o deixe cair no chão.

A ideia é fazer com que cada aluno repita no papel a forma que o barbante tomou ao cair no chão. O professor precisa enfatizar que não importa se o rabisco não ficar idêntico à figura do

barbante no chão. Feito isso, eles deverão desenhar algo a partir do próprio rabisco. Todo o processo fica a critério da imaginação de cada um.

Terminado esse momento cada aluno falará um pouco sobre o que desenhou.

3. Ler a passagem bíblica de Êxodo 15 com os alunos. Pedir que cada um leia um versículo para destacar as diferenças entre as versões bíblicas que existirem na sala. Pedir que eles apontem as diferenças à medida que elas forem aparecendo.

4. Logo depois, dividir a turma em três grupos. Pedir que os grupos, em separado, façam uma análise do texto lido a partir do primeiro versículo. O professor precisará dividir a turma da melhor maneira que entender. Cada grupo receberá uma folha de papel e anotará as aplicações e conclusões que retiraram do texto proposto. Logo depois discutirão em classe essas aplicações e conclusões.

5. Expor os tópicos da lição enfatizando os pontos principais de cada um. Usar o quadro-negro. Pedir a participação dos alunos usando suas Bíblias durante a exposição dos tópicos. Assim eles poderão ler em suas versões cada versículo destacado na lição. Acompanhar

nhar a estrutura da exposição da revista do aluno:

- O Deus único e eterno ouve a agonia do seu povo e o liberta de toda escravidão
- O Deus único e eterno responde ao nosso clamor porque é cheio de graça e misericórdia
- O Deus único e eterno quer que nós ouçamos a sua sabedoria

6. Concluir a lição de acordo com a Lição em foco na revista do aluno.

7. Encerrar a aula com agradecimentos e oração. Agradecer aos visitantes e alunos pela participação no estudo. Incentivar o estudo das lições durante a semana. Pedir que anotem suas dúvidas a respeito da lição para que possam discuti-las, se possível, no próximo domingo. Pedir para fazerem as leituras diárias durante a semana.

## SUBSÍDIO DE PESQUISA

Entre as provas da existência de Deus destaca-se o princípio do *impulsionador primário*, isto é, aquela força que desencadeou o movimento e que agora sustenta o mesmo. O mundo seria, essencialmente, “matéria em movimento”. Precisamos explicar a existência tanto do movimento como de sua causa primária. Pois não é lógico entrarmos em

um regresso infinito, afirmando que um movimento foi causado por um antecedente, e este por um outro, anterior a ele e, assim, indefinidamente. Precisamos, finalmente, chegar à declaração da origem do movimento. Em Colossenses 1.17 vemos que esse poder é atribuído a Cristo (o Logos), ao passo que em Atos 17.28 essa força é atribuída a Deus Pai. Estes dois textos foram declarações do apóstolo Paulo. Por conseguinte, esse argumento de Tomás de Aquino já existe nas Escrituras, ainda que não na forma rigorosa de um argumento, porém, meramente como uma afirmação sobre a origem do movimento e como o mesmo tem prosseguimento. O movimento assume muitas formas diversas e, segundo o conhecimento mais avançado de que dispomos, sobre essa particularidade, o movimento mais elementar é aquele que se verifica no interior do átomo, e que envolve os elementos constitutivos do átomo. Existe igualmente movimentos na formação das coisas, no desenvolvimento de qualquer coisa a que chamamos de crescimento. Tais movimentos são governados por uma inteligência porque, de outro modo, tudo não passaria do mais absoluto caos. Os movimentos são dirigidos na direção de alvos fixos, levados a efeito com um propósito definido. Somente uma inteligência elevada poderia assim ordenar e dirigir tais movimentos.

## LIÇÃO

## 2

# DEUS É CRIADOR

**TEXTO BÍBLICO****SALMO 104****TEXTO ÁUREO****SALMO 104.31****O PREPARO****OBJETIVOS**

- Reconhecer em Deus a soberania criadora.
- Reconhecer e se dobrar à vontade de Deus que é boa e perfeita.
- Adorar Deus pelo fato de nos ter criado tão perfeitos e nos ter dado um mundo tão bom para vivermos.

**RECURSOS DIDÁTICO-PEDAGÓGICOS**

- Quadro-negro e giz;

- Papel e lápis;
- Objetos de vários tipos num saco plástico.

**METODOLOGIA**

- Exposição oral feita pelo professor e divisão em grupos. A exposição deve estar diluída pela aula, geralmente enriquecida com recursos didáticos que o professor tiver à sua disposição. A divisão em pequenos grupos é um método muito útil para aproximar os alunos uns dos outros, bem como estimular a participação, acabar com a inibição e descobrir novos talentos.

- Contar uma história com a ajuda de objetos diversos, como explicado no decorrer deste plano de aula.

## A AULA

1. **Oração** – No início da aula, separar um momento para a oração. A sugestão do dia é oração em duplas. Pedir aos jovens que compartilhem seus pedidos e agradecimentos de oração com os seus companheiros antes de orarem juntos.

2. **Aquecimento** – **Contar a história.** Providenciar alguns objetos numa sacola. Separar dois ou três jovens para essa dinâmica. O professor iniciará uma história e à medida que for mostrando os objetos o aluno terá que incluí-lo na narrativa. A melhor história será aplaudida.

Exemplos de histórias:

- “Você acordou hoje disposto a fazer algo diferente: depois de lavar o rosto e tomar seu café você pegou...”
- “Você precisa ir ao supermercado comprar algumas coisas que precisa muito para seu uso pessoal. Chegando lá vai primeiro à seção de bazar e pega um...”
- “Você achou que seria divertido ir com uns colegas até o lixão da cidade para fuçar o lixo. Arranjaram uma mochila vazia e partiram até o seu destino.

Chegando lá a primeira coisa que encontraram foi...”

O professor mostra um objeto qualquer, o aluno continua daí, os objetos vão sendo mostrados de tempos em tempos até finalizar a história.

Não mostrar todos os objetos da sacola numa única história, dessa forma haverá surpresa na próxima que for contada. O professor poderá utilizar estes exemplos de inícios de histórias ou inventar outros que considerar mais apropriados.

3. Ler o Salmo 104 com a turma. Enquanto o professor ler, pedir que a turma acompanhe em suas Bíblias. Pedir que registrem num papel os versículos que mais chamaram a atenção para discussão posterior.

4. Dividir a turma em dois grupos: cada um trabalhará um dos temas da revista do aluno:

- O Deus criador, também é o sustentador de todas as coisas;
- De onde as coisas procedem.

Dar a cada grupo papel e caneta e pedir que anotem as dúvidas e conclusões da discussão que tiverem. Cada grupo escolherá um representante que fará a apresentação das conclusões da discussão. Os demais membros do grupo poderão participar neste momento dando suas contribuições pessoais.

5. Complementar a exposição dos grupos da seguinte forma: colocar no quadro-negro Gênesis 1.31a: “*E viu Deus tudo quanto tinha feito, e eis que era muito bom*”. Logo depois, promover uma explosão de ideias a partir deste texto. Pedir à turma que diga, um por um, qual a primeira palavra que vem à mente quando lê este texto bíblico. Ir anotando estas palavras no quadro. À medida que as ideias forem surgindo, destacar que tudo o que Deus criou é bom e, como consequência, deve ser preservado e zelado pelos seus filhos. Deus não criou nada para o mal ou para nos fazer mal. É o pecado que distorceu a criação, fazendo com que as coisas originalmente boas pudessem vir a produzir mazelas e desgraças.

6. Concluir a aula com os argumentos da Lição em foco da revista do aluno e os subsídios de pesquisa desta lição. Enfatizar, principalmente, a implicação ecológica do fato de Deus ser o criador e sustentador de todas as coisas. Se o professor tiver condições de fazer pesquisas em outros comentários, isso será de grande ajuda na hora de preparar a lição.

7. Encerrar com agradecimentos e oração. Cantar algum cântico que fale da criação de Deus. Incentivar os alunos a estudar em casa as lições e fazer as leituras bíblicas durante a semana.

Entre os argumentos da existência de Deus há o argumento alicerçado na *contingência* ou na *possibilidade*. Este argumento tem por fundamento a verdade empírica que mostra que tudo quanto conhecemos, pela nossa experiência, é “contingente”. Em outras palavras, depende de alguma outra coisa para explicar a sua existência. Isso subentende que a menos que exista alguma coisa “necessária”, que “não possa deixar de existir”, todas as coisas, finalmente, cessariam de existir, porquanto dependem ou são contingentes dessa coisa necessária. Uma vez mais poderíamos iniciar um retrocesso infinito, supondo que todas as coisas realmente dependem de alguma outra coisa, sem jamais chegarmos a um “ser necessário”, independente, que não depende do que quer que seja para a sua existência. Porém, essa ideia é muito menos razoável do que supormos que, ao longo do caminho de retrocesso, em algum lugar, se encontra aquela *vida necessária*, que não depende de qualquer outra coisa para a sua existência, mas antes, é sua própria causadora e existe independentemente de tudo o mais. A esse ser independente é que denominamos “Deus”.